

**A produção acadêmica sobre o PIBID de geografia:
Uma análise do maior programa brasileiro de Formação de Professores**

**The academic production about the geography's PIBID:
An analysis of the largest Brazilian Teacher Training program**

Glauber Barros Alves Costa¹

Maria Iolanda Monteiro²

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado em Educação desenvolvida no programa de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). A ideia central do projeto de tese é analisar a política pública de formação de professores de Geografia no território brasileiro, especificamente enfocando o Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Geografia. Para este recorte de estudo, apresentamos uma pesquisa documental, com a investigação desenvolvida nos principais repositórios nacionais, a partir de palavras-chaves 'PIBID e PIBID de Geografia' para levantamento da produção acadêmica sobre o tema. Como resultados verificou-se que dois fatores demonstram a pouca produção sobre o PIBID de Geografia no país: primeiro, o pouco tempo de efetivação da política pública para produção de resultados em pesquisas; e segundo, a contração do campo na pesquisa em Ensino de Geografia nos programas de Pós-graduação de Geografia nas universidades brasileiras.

Palavras-chave: Geografia; PIBID; Formação de Professores.

Abstract: This paper is part of the doctoral research in Education developed in the Education PhD program of the Federal University of São Carlos (UFSCAR). The central idea of the thesis project is to analyze the public policy of training teachers of Geography in the Brazilian territory, specifically focusing on the Institutional Program of Geography Teacher Training (PIBID). For this part of study, we present a bibliographic research. This research was developed in the national repositories of theses and dissertations, we used keywords like 'PIBID and PIBID of Geography' to survey the academic production on the subject. As results, it was verified that two factors demonstrate the low production on the PIBID of Geography in the country: first, the little time of effectiveness of the public policy to produce results in research; and second, the contraction of the field in the research in Geography Teaching in the programs of Postgraduate of Geography in the Brazilian universities

Keywords: Geography; PIBID; Training teacher.

Introdução

A pesquisa em Educação já está bem definida e com um campo afirmado dentro das ciências. Já no campo da Ciência Geográfica, ainda há muito para expandir no que tange aos estudos voltados para a Educação Geográfica. Historicamente, pelo fato dos cursos de Geografia terem se iniciado com os bacharelados, as licenciaturas nessa ciência ficaram na periferia do conhecimento por conta de um senso

1 Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professor assistente da UNEB, campus VI. E-mail: glauberbarros@hotmail.com

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora orientadora do Programa de Pós Graduação em Educação.

comum que domina a academia, qual seja, o de acreditar que a licenciatura não deve pesquisar ou não possui necessidade para tanto. Esse pensamento é reproduzido constantemente nas ofertas dos editais de pós-graduação que se apresentam com vagas reduzidas nos programas de Geografia. A licenciatura ainda é vista como formadora de técnicos, e por isso permanece, em certa medida, um pensamento reducionista em relação ao professor e seu ofício, que reforça “[...] a desvalorização profissional do professor e às concepções que o consideram como simples técnico reprodutor de conhecimentos e/ou monitor de programas pré-elaborados” (PIMENTA, 1997, p. 01).

Logo, no cenário brasileiro é possível observar que grande parte das pesquisas geradas sobre o campo da Educação Geográfica na pós-graduação tenha sido produzida nos programas de Educação e não nos de Geografia. Apenas recentemente, e com o campo firmado dentro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), é que começam a surgir os primeiros espaços de pesquisa que envolvem a formação do professor, a didática, as políticas públicas, as metodologias e linguagens do e no ensino de Geografia.

Nesse sentido, a pesquisa inicial de doutorado desenvolvida no programa de Educação da UFSCar, que originou este artigo, tem como papel central investigar a produção na pós-graduação sobre o tema PIBID de Geografia por meio da análise dos principais repositórios nacionais e, especificamente, das principais universidades brasileiras. A pesquisa é caracterizada como documental e foi desenvolvida em 2015 e 2016, partindo do uso de palavras-chave PIBID e PIBID de Geografia para fazer um levantamento do que foi produzido sobre esses temas nos principais programas de pós-graduação da Geografia e da Educação das universidades brasileiras e assim poder entender melhor esse panorama.

O ser professor é uma construção constante, na escola, na sala de aula, nas reuniões de planejamento, nas conversas com os colegas, pois a todo o momento a identidade docente está sendo (re)construída. O PIBID, por aproximar o licenciando de Geografia da sala de aula, antes até mesmo do próprio estágio, começa já no início da graduação a forjar algumas das identidades profissionais e a construir alguns saberes dos futuros professores. O contato com professores experientes, com diretores, funcionários da escola e com alunos da Educação Básica aproxima o bolsista de iniciação à docência do universo escolar, garantindo-lhe aprendizados e experiências (FURNALETTO, 2012).

A atuação do estudante dentro do PIBID representa o início de sua formação como professor, cunhando sua identidade e os saberes que ele vai necessitar para o trabalho na escola, uma vez que as experiências vividas dentro do Programa promovem a formação do docente iniciante que já se apropria da realidade escolar.

As premissas delineadas para o PIBID têm como principal objetivo o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica. O programa viabiliza a concessão de bolsas a alunos licenciandos e participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos pelas universidades em parceria com escolas da rede pública de ensino (BRASIL, 2010). O PIBID foi pensado para estreitar os laços entre escola pública e universidade, melhorando as condições da escola e da universidade em um processo de troca mútua. E no bojo desse programa, questões relativas à formação da identidade docente, saberes e formação docente acabaram emergindo e configurando como um novo caminho formativo dentro da universidade.

A proposta dos projetos deve promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas,

desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. Todos os sujeitos devem estar envolvidos em torno da formação do licenciado, bem como da reflexão sobre as próprias práticas de todos os envolvidos nesse processo enquanto profissionais da educação e na melhoria do ensino da Educação Básica brasileira.

Dentre os programas federais, o PIBID foi escolhido para ser observado nesta pesquisa por ser um projeto de formação de professores que discute a formação a partir da prática em sala de aula. O PIBID de Geografia é mais recente dos que compõem o programa como um todo, pois as licenciaturas de Geografia só foram incorporadas no edital de 2009, juntamente com outras licenciaturas da área de humanas. Isso ocorreu porque, inicialmente, o PIBID era restrito às licenciaturas da área das ciências exatas (Matemática, Química e Física). A proposta inicial era desenvolver um projeto-piloto que tivesse como objetivo atrair os estudantes dessas licenciaturas para a carreira docente, pois, historicamente, existe falta de professores nesse campo (BRASIL, 2010).

Após a luta dos movimentos estudantis pela ampliação do programa e o envolvimento de docentes e políticos nessas reivindicações, além de mudanças provocadas no projeto-piloto que se apresentaram como positivas, o programa foi estendido para todas as licenciaturas do país. A partir desse íterim, por toda a sua trajetória, o programa, por seu caráter formativo e diferenciado nas licenciaturas, inspira e demanda pesquisas e investigações. Assim, se faz importante entender essa iniciativa principalmente por ser o maior programa de formação de professores que acontece atualmente no país, envolvendo universidades públicas e privadas e escolas de diferentes partes do território nacional.

O PIBID traz visibilidade para a licenciatura e para a Educação Básica, inserindo-se, portanto, dentro das ações do governo federal de valorização do professor e de melhoria na educação nacional de âmbito básico. Nesse sentido, o PIBID tem se tornado uma ferramenta essencial para a promoção da reflexão sobre dois espaços importantes das pesquisas em educação, que são a universidade e a escola.

Além disso, o programa de iniciação à docência traz para o licenciando a oportunidade (até então restrita aos bacharelados) da concessão de bolsas para pesquisa e formação. Aqui cumpre deixar claro que a existência de pesquisa na licenciatura sempre foi baixa, mas não nula. O que se deseja esclarecer, no entanto, é que a pesquisa nessa área de formação docente foi, durante um longo período, pouco significativa. Historicamente, as agências de financiamento e fomento valorizaram mais os bacharelados por entenderem erroneamente que as licenciaturas formam somente professores e não pesquisadores. Nesse quadro, o PIBID modifica essa anterior realidade abrindo as portas da pesquisa e da formação pela prática para a licenciatura ao propor em suas ações uma vinculação da pesquisa com o ensino e com a extensão, e principalmente por possibilitar que a escola seja a centralidade da ação e da pesquisa acadêmica.

O bolsista de iniciação à docência, ao entrar em contato com a escola, começa a se perceber professor, a aprender no cotidiano escolar, a entender a importância do papel político e, por fim, “aprende a ser docente”, como afirma Freire (1996), quando diz que “[...] não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (FREIRE, 1996, p. 23). O filósofo e educador brasileiro corrobora o objetivo do PIBID ao continuar afirmando que “[...] Quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (Idem). Logo, para Freire, é sendo discente na universidade e docente na escola que o aluno do PIBID se faz professor.

Para o bolsista de iniciação à docência, o programa é a oportunidade de constituir-se professor em um processo de formação que foge do modelo aplicacionista, criticado por Tardif (2014), em que o professor aprende o conteúdo na universidade e aplica no estágio em uma perspectiva disciplinar. O PIBID rompe com esse modelo ao levar para a sala de aula o discente da licenciatura a partir do segundo semestre, fazendo, assim, com que esse licenciando se construa como professor, pois, ao mesmo tempo em que aprende e ensina.

O PIBID, com sua dimensão nacional, revela-se, dessa forma, como essencial para a permanência estudantil e para a formação profissional do licenciado brasileiro. Ao final de 2013 foi executado no PIBID um total orçamentário de R\$ 287.900.596,63 e concedidas 49.321 bolsas nos três segmentos do projeto, quais sejam bolsas de iniciação à docência, bolsas de supervisão destinadas aos professores da Educação Básica e bolsas de coordenação de subprojetos e de coordenação institucional - essas últimas destinadas a professores do Ensino Superior (BRASIL, 2013).

A partir da Portaria nº 96, de 18 de julho de 2013, a CGV/DEB/CAPES lançou dois novos editais: 061, de 02 de agosto de 2013 e 066, de 06 de setembro de 2013. O primeiro edital foi universal para convocar as instituições a apresentarem suas propostas. Esse edital diferenciou-se dos demais por sua abrangência e alcance das instituições de ensino superior: públicas e privadas sem fins lucrativos e, ainda, alunos ProUni das instituições privadas. Esses alunos recebem financiamento público para realizarem seus estudos em instituições privadas cuja contrapartida para participar do programa foi o custeio das ações. A Capes, portanto, fomentará as bolsas dos membros dos projetos aprovados. O edital 066, de 06 de setembro de 2013, teve objetivo de convocar as instituições que possuem cursos de licenciatura intercultural, indígena e campo. Os editais foram publicados separadamente devido às especificidades destes cursos, bem como às características dos projetos a serem apoiados pelo Pibid-Diversidade (BRASIL, 2013, p. 42).

A ampliação e a expansão do PIBID, seguindo a ideia de expansão das universidades e da melhoria da Educação Básica no governo Dilma, foram consideráveis. Ao final de 2013, após o início dos editais PIBID e PIBID Diversidade, o número de bolsas mais que dobrou chegando ao total de 90.254, somando as que já existiam com quase 50 mil bolsas do novo edital.

No edital vigente de 2013 foram selecionados 313 projetos, dentre os quais existem 156 projetos de PIBID com subprojetos de Geografia. Esse número já revela a dimensão quantitativa dos cursos de Licenciatura em Geografia do Brasil, apesar de que nem todos se submeteram ao edital. Porém, 156³ cursos é um número revelador, pois fica clara e considerável a abrangência nacional do projeto.

Ao analisar o PIBID de Geografia no território brasileiro, intentamos lançar um olhar sobre uma realidade que é pouco estudada. No campo da Ciência Geográfica, a licenciatura sempre esteve à margem, pois, como já afirmamos, o campo da pesquisa na área possui um espaço reduzido em número de programas de pós-graduação e linhas de pesquisa, se comparados com o ensino de Ciências, Matemática e História. Sobre isso, podemos entender que:

Há dentro da academia uma marginalidade quando se tenta discutir o ensino de Geografia como campo ou linha de pesquisa, pois o pensamento dominante é de que licenciatura não forma pesquisadores apenas professores. Para entender melhor o que foi dito é preciso compreender o

3 Os dados apresentados nesse parágrafo foram coletados em 2015 e 2016 a partir dos projetos disponibilizados pela CAPES para desenvolvimento da pesquisa do Doutorado, que está sendo concluída no Programa de Educação da UFSCAR. O MEC disponibilizou todos os projetos do PIBID submetidos ao Edital nº 061/2013. Desses, selecionamos somente aqueles que tinham PIBID de Geografia para serem analisados na tese.

papel da pesquisa na licenciatura. Sobre isso, a pesquisa pode tornar o sujeito-professor capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas (conhecimentos, habilidades, atitudes, relações) que o ajudem a aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho docente, de modo que possa participar efetivamente do processo de emancipação das pessoas. Ao utilizar as ferramentas que lhe possibilitem uma leitura crítica da prática docente e a identificação de caminhos para a superação de suas dificuldades, o professor se sentirá menos dependente do poder sociopolítico e econômico e mais livre para tomar suas próprias decisões (ANDRÊ e PESCE, 2012, p. 40).

Na Geografia, essa perspectiva é concreta pela presença da constante percepção sobre o licenciado de Geografia, que é visto, ainda, como um técnico que deve dar aulas e não como um profissional que promove conhecimentos científicos. Uma das possibilidades que reforça essa ideia reside em um dos clássicos da ciência, intitulado “A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra”, de Yves Lacoste (1993). Nesse texto o autor usa o termo “geografia dos professores” para definir uma Geografia escolar que teria menos valor que a Geografia vigente ou estratégica. No entanto, o livro acaba indiretamente reforçando um estereótipo:

A geografia dos professores funciona, até certo ponto, como uma tela de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias, econômicas e sociais que uma outra geografia permite a alguns elaborar. A diferença fundamental entre a geografia dos estados-maiores e a dos professores não consiste na gama dos elementos do conhecimento que elas utilizam. A primeira recorre, hoje como outrora, aos resultados das pesquisas científicas feitas pelos universitários, quer se trate de pesquisas ‘desinteressadas’ ou da dita geografia ‘aplicada’, os oficiais enumeram os mesmos tipos de rubricas que se balbuciam nas classes: relevo - clima - vegetação - rios - população..., mas com a diferença fundamental de que eles sabem muito bem para que podem servir esses elementos do conhecimento, enquanto os alunos e seus professores não fazem qualquer ideia (LACOSTE, 1993, p. 33).

Cumpramos esclarecer que a intenção de resgatar o clássico de Lacoste não é a de colocá-lo em cheque ou aprofundarmos-nos em uma análise sobre sua filosofia, mas repensar e propor uma nova reflexão sobre o que o autor denomina como “geografia dos professores”. É preciso entender que a Geografia militar e estratégica não deixa de existir, mas colocar os professores de Geografia como produtores de uma cortina de fumaça capaz de dissimular a ciência geográfica para dos dias atuais é muito limitante. Os professores são, em primeiro grau, justamente o oposto: aqueles capazes de, em contato com as crianças, jovens e adultos, retirar o véu de fumaça que encobre a realidade sobre os temas geográficos. É preciso romper com essa ideia e remover a geografia dos professores da marginalidade do conhecimento acadêmico. Lacoste (1993)⁴ ensina a “geografia dos professores” de forma secundária ou menor dentro do campo – a começar pelo próprio termo criado, que já conota uma perspectiva secundária da Geografia escolar no texto do autor.

Os tempos atuais são outros, a Geografia não deixou seu viés militarista ou estratégico, mas o Ensino de Geografia também não pode mais ocupar o lugar marginal na ciência. Sem o Ensino de Geografia, gerações de pessoas ficariam sem formação geográfica e cartográfica, bem como sem o contato com teorias críticas, geopolíticas e sem a concepção emancipatória de cidadania.

Um reflexo dessa realidade se apresenta no campo desenvolvido para justificar esta pesquisa. A partir

4 É importante contextualizarmos a obra de Lacoste (1993) historicamente, portanto, no contexto em que essas afirmações foram feitas não existia uma pesquisa profunda sobre o papel, saberes e perspectivas docentes. O pensamento de Lacoste necessita ser contextualizado, mas também atualizado no que se refere à chamada “geografia dos professores”. No momento dessas afirmações o autor ainda não conhecia o papel assertivo e relevante do professor para Geografia.

dos principais repositórios nacionais de bibliotecas das universidades se investigou quais as produções em pós-graduação haviam sobre o PIBID de Geografia. Foram levadas em conta apenas dissertações e teses, utilizando-se como palavras-chave PIBID e PIBID de Geografia. O resultado encontrado é apresentado a seguir na Tabela 01.

Tabela 01. Produção de pesquisas sobre o PIBID nos principais repositórios do país.⁵

INSTITUIÇÃO	TRABALHOS SOBRE O PIBID	TRABALHOS SOBRE O PIBID DE GEOGRAFIA
REPOSITÓRIOS NACIONAIS⁶		
CAPES	26	0
BDTD ⁷	63	2
REGIÃO SUL		
UFRGS	2	0
UFPR	6	0
UFSC	1	0
REGIÃO SUDESTE		
UFSCAR	6	0
USP*	3	1
UNICAMP	5	0
UFRJ	2	0
UERJ	0	0
UFV	0	0
UFMG	2	0
UFES	0	0
PUC/SP	0	0
PUC/RJ	0	0
REGIÃO CENTRO-OESTE		
UNB	8	1
UFMT	1	0
UFG	3	0
REGIÃO NORDESTE		
UFC	5	0
UFRN	1	0
UFPE	3	0
REGIÃO NORTE		
UFPA	0	0
UFAP	0	0
UFAM	0	0
UFRR	0	0

Fonte: Dados coletados em novembro de 2015 pelo autor

5 O período adotado para coleta foi o de trabalhos publicados a partir de 2009, ano de início do PIBID em território nacional que, no caso, incluía a licenciatura de Geografia. É importante frisar que as dissertações primeiras são de 2012, ano que são finalizadas as primeiras publicações sobre o programa em cursos de pós-graduação.

6 Nem sempre a tese ou a dissertação do repositório de uma universidade aparece no repositório nacional e vice-versa. Nessa época da pesquisa as duas que apareceram na USP e UNB eram as mesmas que apareciam na BDTD.

7 Até a data da finalização da pesquisa, o Banco de dissertações e teses (BDTD) nacionais não estava com vinculação direta com o repositório Sucupira, como acontece atualmente. Essa vinculação revela as produções por ano, com números bem maiores do que aqueles coletados em 2015.

A partir da tabela 01 podemos verificar que nas principais universidades e nos repositórios do país, até o ano de 2015, existem poucas pesquisas sobre o PIBID, o que é justificável até pelo nascimento recente do programa. Sobre o PIBID de Geografia quase não há pesquisa que abarque o tema, o que demonstra a originalidade e inovação desta pesquisa. A tabela também revela um dado histórico no Brasil, que é a desproporcionalidade da produção científica fora do eixo Sul e Sudeste. Este justifica o não aparecimento da região Norte na tabela, pois não foi encontrado nenhum trabalho desenvolvido sobre as temáticas nas universidades investigadas localizadas na região em questão.

Na região Norte foram investigados os repositórios das seguintes universidades: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amapá (UFAP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Acre (UFAC) e Universidade Federal de Roraima – (UFRR) (nesta última não foi encontrado o repositório *online*). Em nenhuma dessas foram encontrados trabalhos sobre PIBID ou sobre PIBID de Geografia.

Na região Sul, observamos uma produção considerável de pesquisas sobre o PIBID. Na UFRGS, mesmo tendo uma tradição na área de pesquisas em ensino de Geografia, já que tem em seu programa de pós-graduação de Geografia uma linha de pesquisa específica para o Ensino da Geografia, não encontramos qualquer produção que envolva o PIBID de Geografia até o ano de 2015, mesmo que nessa universidade exista um dos poucos programas de pós-graduação do país com uma linha de pesquisa focada no ensino da Geografia.

Na região Sudeste, nas universidades UERJ, UFV, UFES, PUC/SP e PUC/RJ, não foi encontrado nenhum trabalho sobre os temas investigados até o ano de 2015. Na USP foi encontrada a única tese sobre o PIBID de Geografia, intitulada: “Entre a Escola e a Universidade: O Produtivismo-Aplicacionismo na Formação de Professores em Geografia”, de autoria Giroto (2013). A tese, ao ser analisada, apresenta uma discussão sobre o modelo aplicacionista criticado por Tardif (2014), mas não apresenta o PIBID como objeto central, pois, o foco é no estágio e na relação entre a universidade e a escola. A tese apresenta o modelo aplicacionista como algo comum na formação do professor de Geografia, principalmente durante os estágios. Sobre esse modelo, Tardif assevera:

A formação para o magistério esteve dominada sobretudo pelos conhecimentos disciplinares, conhecimentos esses produzidos geralmente numa redoma de vidro, sem nenhuma conexão com a ação profissional, devendo em seguida, serem aplicados na prática por meio de estágios ou de outras atividades do gênero. Essa visão disciplinar e aplicacionista não tem mais sentido hoje em dia (TARDIF, 2014, p. 24).

Nesse modelo de formação, que perdurou e ainda perdura, em certa medida, no cenário brasileiro, os alunos passariam anos na graduação tendo contato com a teoria durante o curso, ao final teriam o contato com o campo de trabalho no estágio e somente quando já inserido como profissionais nas escolas é que construiriam os saberes necessários para a prática docente.

Na região Centro-Oeste, o que chama a atenção é o fato da Universidade de Brasília (UnB) ter muitas produções sobre o PIBID, o que se justifica pelo fato de que nos programas de Pós-Graduação em Educação da universidade há pesquisadores que investigam⁸ o tema, além da facilidade em acessar o próprio Ministério da Educação para desenvolver determinadas pesquisas, dada a proximidade física

8 Foi observado que nos currículos Lattes dos pesquisadores dessa universidade e dos programas de Educação existem projetos de pesquisas voltados para análise do PIBID.

com o Ministério. Foi encontrado um trabalho sobre o PIBID de Geografia em forma de dissertação, intitulada: “Licenciandos em Geografia e o uso das TIC no Programa de iniciação à Docência-PIBID/UFMT”, publicada em 2014, de autoria de Cellos (2014). A dissertação foca no PIBID de Geografia e no uso das tecnologias, principalmente aquelas que são voltadas para a cartografia. Outras universidades, como a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) também foram investigadas e nenhuma pesquisa foi encontrada.

Por fim, na região Nordeste, não foi encontrado nenhum trabalho sobre PIBID ou PIBID de Geografia nos repositórios das seguintes universidades: Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Piauí (UFPI). Para que a tabela não ficasse extensa, apresentamos nela apenas as universidades dessa região que apareceram com pesquisas.

A desigualdade na distribuição das pesquisas também revela a distribuição dos programas de pós-graduação no país. Nesse sentido, é importante notar que a maioria das produções sobre PIBID se concentra na Região Sudeste, até por conta da quantidade de programas disponíveis na região. Como vimos, além desses, há destaque para a região centro oeste por conta da UNB, que detém uma quantidade considerável de programas.

Com o mapeamento da carência de pesquisas sobre o PIBID de Geografia no cenário brasileiro, este trabalho busca lançar um olhar sobre um tema pouco investigado, embora hoje se apresente relevante no âmbito da pesquisa acadêmica, visto que o PIBID se revela como uma política pública do governo federal de âmbito nacional com um impacto importante na formação de professores, bem como no investimento financeiro de recursos públicos. Além disso, notamos que as políticas públicas precisam urgentemente ser compreendidas e apropriadas pela sociedade civil a partir das pesquisas nas universidades. Pesquisas que estudam, investigam e avaliam as políticas educacionais possibilitam um olhar técnico e crítico sobre uma realidade que atua diretamente no cotidiano da sociedade.

Em 2007, na Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE) Suertegaray (2007) apresentou o artigo “Rumos e Rumores da Pós-graduação e da Pesquisa em Geografia no Brasil”, em que a pesquisadora analisou os programas de pós-graduação em diferentes perspectivas. Já naquele ano a autora apontava que a área de Ensino de Geografia possuía um grande território dentro da pesquisa a explorar, pois, “[n]a perspectiva do ensino, a produção em números ainda é pequena, 67 produtos em 4 anos. Esta produção está representada em 14 dos 23 cursos com registro de produção. Destes, oito (8) não registram teses e dissertações sobre ensino em Geografia” (SUERTAGARAY, 2007, p. 17).

Vemos que houve avanço a partir do que a pesquisadora trouxe em 2007, mas ainda há uma carência significativa nos programas de Geografia de territórios para se pesquisar o Ensino da Geografia como objeto central de análise.

No final de 2016 foi feita uma nova pesquisa de perspectiva menor, utilizando apenas o repositório Banco de Dissertações e Teses (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nesse momento, o repositório já estava com vinculação direta com o repositório Sucupira, o que revelou que em 2016 pelo menos três novas pesquisas sobre o PIBID de Geografia foram defendidas e lançadas na plataforma.

A primeira é a dissertação de Freitas (2016), defendida em maio de 2016 na Universidade de

Campinas (UNICAMP), sob o título “Formar Professores Pesquisadores numa Escola de Bacharéis: a Cultura do PIBID de Geografia da Unicamp”, um estudo de caso do PIBID de Geografia da UNICAMP em que se propôs a analisar o impacto do programa na licenciatura e formação dos geógrafos e posteriormente identificamos a pesquisa de Woitowicz (2016), “A formação inicial de professores de geografia no PIBID/ UNIOESTE - Campus de Marechal Candido Rondon - PR (2011-2015)”, defendida em junho de 2016, e que teve como foco a análise do PIBID de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) de 2011 a 2015, investigando os bolsistas de iniciação à docência e supervisores durante o processo. E, por fim, a dissertação “PIBID de Geografia na Universidade Federal de Goiás Proposta e Experiências Formativas Jataí (GO)”, defendida em março de 2016, por Carvalho (2016), que analisa o PIBID de Geografia da UFG e os reflexos na formação de professores.

Logo, podemos notar que somente um ano depois da primeira coleta é que as primeiras pesquisas começaram a ser defendidas, apesar de os dados obtidos ainda revelarem poucas pesquisas sobre o tema. Os mestrados são os que revelam maiores números de pesquisas sobre o PIBID e a linha de formação de professores são as que centralizam as investigações. Nesse sentido, podemos afirmar que se começa a desapontar no cenário, a partir de 2016, das pesquisas em Educação e Geografia brasileira os primeiros trabalhos que se propõem a analisar e entender o PIBID de Geografia e seus reflexos na educação, formação e políticas educacionais.

Considerações finais

É importante que a academia se aproprie a partir da pesquisa de temas voltados para as políticas públicas, principalmente as de cunho educacional, além de ser extremamente necessário que ela também socialize com a sociedade esses resultados. A universidade não deve ser apenas um agente fiscalizador da política pública, mas deve ocupar o território de produções científicas sobre o tema para que, como setor da sociedade, ela esteja presente não só na investigação, mas também na proposição e discussão das políticas. O papel como agente formador já condição *sine qua non* de sua existência, mas é necessário que ela amplie os horizontes ocupando esses territórios de investigadora das próprias políticas que ela se apropria.

Analisar a produção acadêmica nacional que envolva o PIBID e especificamente o PIBID de Geografia revela que o crescimento das pesquisas vem se destacando anualmente, mas no que tange ao PIBID de Geografia esse crescimento ainda é pouco, o que revela a carência de programas de pós-graduação ou linhas de pesquisas que foquem e se proponham a investigar a área de Ensino de Geografia.

Os dados coletados no recorte mencionado revelam, ainda, uma insipiente pesquisa no que tange às políticas públicas de Ensino Superior, pois as pesquisas encontradas não analisavam objetivamente e teoricamente o PIBID como política pública do governo federal. Foram encontrados sobre o PIBID em geral, no ano de 2015, cerca de 63 pesquisas desenvolvidas até aquele momento. No ano de 2016 esse número passou a ser de 123 pesquisas entre teses e dissertações, incluindo as 63 até então encontradas. O número dobrou devido à popularização do programa com o edital de 2013. O PIBID de Geografia passou de 02 pesquisas até 2015 para inicialmente 03, chegando um total de 05 pesquisas até o final daquele ano. Os temas das pesquisas encontradas sobre o PIBID de Geografia centraram-se nos estudos de caso ou pesquisas sobre a formação do professor no programa.

Ao fim da pesquisa, inferimos que a pouca produção sobre o PIBID de Geografia não se dá pelo tema

ter começado a aparecer em 2016, mas também pela falta de investimento em pesquisas, pelo sucateamento da universidade pública e outros fatores, que perpassam desde do interesse no objeto até os financiamentos em pesquisa de ciências humanas. Na área do Ensino da Geografia há pouco interesse em pesquisar a formação do professor de Geografia no contexto de políticas públicas, uma vez que as pesquisas centram-se ainda muito na cartografia escolar e nas metodologias de ensino da ciência geográfica.

Há ainda uma distribuição desigual por regiões quando se busca a produção sobre PIBID ou PIBID de Geografia, o que revela a necessidade dita nos parágrafos anteriores de que a universidade precisa se aprofundar das pesquisas na área de políticas públicas, principalmente no que se referem aos reflexos dessas políticas em âmbito local ou regional, que indiretamente reflete o âmbito mais global. O PIBID, por exemplo, é um programa que oferece bolsas e, com pesquisas locais, poderia se dimensionar o impacto do dinheiro nas economias locais, ou os impactos do programa no que tange à formação de professores em realidades específicas.

Por fim, observamos que o PIBID é uma política educacional que necessita de um olhar atento por parte dos pesquisadores e de seus executores. Ela passou a ressignificar a formação de professores no Brasil, dando visibilidade às licenciaturas ao passo que empodera economicamente graduandos a partir das bolsas que recebem. Dessa forma, a universidade necessita de mais investimentos em pesquisas que se apropriem do objeto (políticas públicas educacionais) para que mais produções possam ser desenvolvidas propondo um retrato e andamento dessas políticas públicas no país.

Referências

- BRASIL. **Relatório de Gestão PIBID**. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB, Brasília: CAPES, 2013.
- BRASIL. **Edital do PIBID nº 66**, Brasília – DF, 2014.
- BRASIL. **Projeto PIBID CAPES**, Brasília - DF, 2010.
- CARVALHO, L. S. **PIBID de Geografia na Universidade Federal de Goiás: Proposta e Experiências Formativas** Jataí (GO). 159f. 2016. Dissertação de mestrado. UFG: Jataí – GO. 2016.
- CELLOS, M. A. **Licenciandos em Geografia e o uso das TIC no Programa de iniciação à Docência-PIBID/UFMT**. 112f. 2014. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT. Cuiabá. 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, A. S. F. de. **Formar Professores Pesquisadores numa Escola de Bacharéis: a Cultura do PIBID de Geografia da UNICAMP**. 152f. 2016. Dissertação de mestrado. UNICAMP: Campinas- SP. 2016.
- FURNALETTO, F. R. O tornar-se professor: Um estudo sobre a mudança de sentido pessoal no processo de formação inicial. In: SANTOS, Adriana Regina de Jesus dos Santos (organizadores) [et al.]. **Experiências e reflexões na formação de professores**. Londrina: UEL, 2012.
- GIROTTTO, E. D. **Entre a Escola e a Universidade: O Produtivismo-Aplicacionismo na Formação de Professores em Geografia**. 237f. 2013. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo - USP. 2013.
- LACOSTE, Y. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.

A produção acadêmica sobre o PIBID de geografia: Uma análise do maior programa brasileiro de Formação de Professores

PESCE, M. K. de.; ANDRÊ, M. E. D. A. de. Formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 04, n. 07, p. 39-50, jul./dez. 2012.

SUERTEGARAY, D. M. A. Rumos e Rumores da Pós-graduação e da Pesquisa em Geografia no Brasil. **REVISTA da ANPEGE**, v. 3, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOITOWICZ, E. **A formação inicial de professores de geografia no PIBID/UNIOESTE** - Campus de Marechal Candido Rondon - PR (2011-2015). 146f. 2016. Dissertação de mestrado. UNIOESTE, Marechal Candido Rondon. 2016.